

}3.1.

ALMEIDA, Bernardo Corrêa d' – *Unidade segundo o Quarto Evangelho: Testemunho do discípulo amado no contexto judaico e greco-romano do I CE*. Roma: EPUG, 2013. 374 p. Tesi Gregoriana: Serie Teologia; 199.

Bernardo Monteiro Fernandes Corrêa d'Almeida, franciscano da Província de Portugal e docente na Faculdade de Teologia da UCP, apresenta aqui a sua tese de doutoramento na área da teologia bíblica, defendida na Pontifícia Universidade Gregoriana em Roma em 2009, publicada na respetiva coleção na área da Teologia.

Como o título indica, esta investigação escolheu um tema transversal ao evangelho de João, e não uma perícopes ou comentador em particular, o que à partida evidencia a ousadia e o alcance deste trabalho, pois isto obriga a percorrer todo o texto evangélico. Esta opção constitui uma leitura global do evangelho a partir da experiência do discípulo amado presente na morte de Jesus e que vive a experiência da Páscoa e do Logos na perspectiva da comunidade crente do fim do primeiro século. Esta orientação desviou o autor das análises muito técnicas da crítica textual, mas sem descurar a gramaticalidade do texto.

Bernardo d'Almeida colocou a questão heideggeriana da *identidade* e da *diferença* ao Quarto Evangelho canónico. Importa reter que no mundo grego e israelita sobreviveu uma concepção monárquica da realidade que levou à *acentuação da identidade* rígida e monolítica, o que marcou a Europa até hoje e todo o pensamento teológico-filosófico do Ocidente no relevo e centralidade que foram dadas ao ser, à identidade, à impassibilidade, ao núcleo último da realidade e, em última análise, ao próprio conceito enquanto tal. A diferença foi pensada como fuga ao Uno, era do domínio da linguagem, do fugaz, da matéria, do provisório. O ponto alto desta identidade, desta filosofia do mesmo, é Hegel. Se a antiguidade andava próxima de um estilo dualista, Hegel termina num sistema fechado de monismo absoluto. Contra esta tendência emergiram vários movimentos literários, culturais e artísticos como o romantismo, o neorenascimento, o cubismo e o surrealismo enquanto meios e espaços de resistência. Ora, na segunda parte desta investigação, o autor compara as concepções antigas da unidade com a reflexão joanina sobre o tema da unidade para destacar a respetiva diferença. Na primeira parte percorre todo o evangelho segundo o "filtro hermenêutico" da unidade, a partir de personagens, discursos, conceitos, acontecimentos e estrutura. Na terceira parte, retoma a temática da unidade nos seus momentos narrativos mais emblemáticos e caracterizadores: o Logos-Jesus e a unidade dos filhos de Deus, a centralidade da

"hora" de Jesus para a unidade dos filhos de Deus ao longo de todo o evangelho e no testemunho do discípulo amado, e a unidade dos filhos de Deus em Deus e na resposta a Deus.

O leitor encontra sobretudo uma grande preocupação com a análise literária, histórica e teológica, reencontrando esta preocupação respetivamente na própria ordem das três partes do trabalho. Logo a abrir o trabalho, na p. 13, o autor alerta o leitor para aquilo que não vai encontrar nesta investigação: «a não extensão do estudo às epístolas joaninas e ao Apocalipse; a limitada comparação da unidade joanina com a de outros livros neotestamentários; a impossibilidade de inserir e de abarcar todas as noções de unidade contemporâneas a Jo, sobretudo as da tradição judaica, especialmente influentes, e as do panorama greco-romano, particularmente amplas; a limitada relação da noção joanina com a greco-romana; a insuficiente aproximação do tema da unidade joanina a outros temas do Quarto Evangelho; a não inclusão de todos os detalhes exegéticos feitos; a não confrontação da unidade com a vivência e a prática concretas das comunidades joánicas e de outras suas próximas; a impossibilidade de contrapor o nosso estudo a fontes bibliográficas e arqueológicas do I CE». A tudo isto há que acrescentar a questão do autor, da influência de Qumran ou da gnose, dos destinatários do evangelho, da estrutura, da relação da comunidade joanina com a sinagoga, do suposto dualismo gnóstico, do papel dos judeus e do suposto anti-judaísmo do Quarto Evangelho, da relação ou não com a tradição sinóptica, e da uniformização económica pela qual passavam as comunidades joaninas.

Com efeito, esta investigação olha o texto tal como ele está e afigura-se muito interna ao texto, sobretudo na primeira e na terceira partes, «pois o evangelho joanino não é um espelho, mas sim um *seio*, um *ventre*, onde os seus leitores e os seus ouvintes são gerados» (p. 15). Com efeito, o leitor é colocado nesta tese na experiência unificadora do discípulo amado. Assim, na primeira parte entra na morada joanina, nesse testemunho do discípulo amado compreendido precisamente como lugar da perfeita unidade entre Deus, o seu Logos-Jesus e o discípulo amado enquanto representante dos leitores. Na segunda parte, o leitor entra na morada do mundo envolvente do discípulo amado confrontando-o com Séneca, Dio Crisóstomo, Plutarco e Fílon de Alexandria. Na terceira e última parte, o leitor encontra a unidade joanina tal como ela é plasmada nos seus momentos fundamentais no vocabulário joanino, onde assume capital importância a "hora". Ora, essa "hora" começa a unir a partir das bodas de Canaan, em que o Logos-Jesus vai unindo a mãe, o discípulo amado e os convivas nessa vida unidade e de unidade. Há algo aqui de íntimo que esta tese veicula ao leitor, pois ajuda a pensar a unidade não de fora nem como imposição ou advertência externa ao leitor ouvinte, mas como partilha de vida. Sem nunca citar Michel Henry, esta tese oferece uma leitura muito vital, vitalista mesmo do Quarto Evangelho, o evangelho do discípulo amado. O leitor ouvinte é unido ao discípulo amado, que por sua vez está unido ao Logos-Jesus. O leitor encosta a cabeça no coração do discípulo amado, que por sua vez encosta a cabeça no coração de Cristo, e Cristo encosta a cabeça no coração de Deus.

Deste modo, é possível pensar já o discípulo amado nas pp.30-36 como uma espécie de "shoshebin", coisa que o autor não faz. O "shoshebin" era uma espécie de mestre de cerimónias. Em S. João é o amigo do esposo que tinha a missão de levar a esposa a casa do noivo. Esta figura é João Batista, no IV Evangelho, "o amigo do esposo" (Jo 3, 29): «O que tem a noiva é o noivo; o amigo do noivo, que está presente e o ouve, muito se regozija por causa da voz do noivo, pois esta alegria já está completa em Mim».

Bernardo d'Almeida, sem evocar esta figura judaica importante para o pano de fundo do evangelho de João, prefere destacar as consequências do seu serviço de unidade. Mas, além deste elemento litúrgico de unidade, Bernardo d'Almeida destaca outros elementos unificadores como marcas distintivas do judaísmo do primeiro século: o Deus do Shemá, a torah, Moisés, o templo (p. 174), a unidade no acreditar (p. 163) e a família (p. 176). Na p. 188 resume a unidade do próprio povo judeu como sendo o seu ser, o seu ser povo é fator e sinal de unidade pois foi fundado como tal a partir do êxodo, é o ser o povo de Deus e do Deus único. Por outro lado, na p. 227, destaca como diferenças entre a unidade joanina e a unidade do mundo greco-romano envolvente dois fatores: uma solução universal, onde o mundo inteiro era incluído e nele tomava parte, e a questão da unicidade de Deus. João não especula projeções mas testemunha o encontro do único Deus com o seu povo. Além disso, há que não esquecer que a transcendência joanina diverge da imanência grega. O mundo grego vive a relação tensa entre o uno e o múltiplo, e o discípulo amado não deixa de confrontar e criticar o reino deste mundo com o reino de Deus. Para os gregos, o Logos permitia «conhecer a unidade do uno e do múltiplo, da harmonia e da desarmonia, da razão e da não razão, da mónade e da diáde, para Jo é pelo poder do Logos encarnado glorificado em Deus que os homens podem passar da dispersão à unidade, de si ou da morte à relação ou à vida de Deus» (p. 228). Neste sentido, o conceito joanino não é totalmente estranho ao leitor ouvinte do evangelho, o qual, como o autor mostra, não pode ser um leitor externo ao ser do Logos, mas tem de passar por essa experiência de empatia de ser no Logos discípulo do discípulo amado.

Nesta tese o autor oferece-nos uma linguagem muito pessoal mas também muito joanina. Para ele, o Quarto Evangelho (p. 252) é a revelação e a manifestação no ser do Logos-Jesus, que deseja os seus discípulos a si e em si» ... «por isso, no centro de todo o Evangelho, está a dinâmica de encontro do Logos com os discípulos de Jesus, pois o testemunho joanino foi construído, desenvolvido e destinado no encontro de Deus com o ser humano criado» (p. 253). Isto obriga a ler o Quarto Evangelho na ótica e na experiência do discípulo amado, que para Bernardo d'Almeida é o autor do Quarto Evangelho.

Em síntese, estamos perante uma trabalho fino de exegese bíblica, que por isso mereceu ser publicado nesta prestigiada coleção. A parte mais erudita e filosófica é a segunda parte, na qual Bernardo d'Almeida nos leva por uma viagem através de alguns pensadores mais representativos do pensamento helénico e judaico contemporâneos ao primeiro século, para assim contextualizar melhor o Quarto Evangelho no que diz respeito à temática da unidade. Este é sempre um serviço prestado à exegese bíblica, pois, ao não descurar as metodologias histórico-críticas, ajuda a melhor interpretar o texto bíblico com o confronto do respetivo contexto histórico. Neste caso, trata-se do contexto cultural filosófico judaico e helénico onde a temática da unidade assume grande importância, mesmo que Bernardo d'Almeida não tenha versado nem olhado para a imensa literatura sobre esta matéria. Resta-nos aconselhar a leitura desta obra, muito bem escrita e limpa de gralhas, tão aturado foi o trabalho de revisão.

José Carlos Carvalho